

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação

Câmpus de Ourinhos

MARCOS VINICIUS MORAIS FERREIRA

**IMIGRANTES ITALIANOS, CLUBES DE FUTEBOL E CIDADE (1880–
1930): O PALESTRA ITÁLIA E O COTONIFÍCIO RODOLFO CRESPI
NA URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO**

Ourinhos – SP

2025

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação

Câmpus de Ourinhos

MARCOS VINICIUS MORAIS FERREIRA

**IMIGRANTES ITALIANOS, CLUBES DE FUTEBOL E CIDADE (1880–
1930): O PALESTRA ITÁLIA E O COTONIFÍCIO RODOLFO CRESPI
NA URBANIZAÇÃO DE SÃO PAULO**

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à banca examinadora
para obtenção do título de Bacharel
em Geografia pela FCTE/UNESP –
Câmpus de Ourinhos.*

Orientador: Amir El Hakim de Paula

Ourinhos – SP

2025

F383i

Ferreira, Marcos Vinicius Moraes

Imigrantes italianos, clubes de futebol e cidade (1880–1930): : e
(1880o Palestra Itália e o Cotonifício Rodolfo Crespi na urbanização
de São Paulo / Marcos Vinicius Moraes Ferreira. -- Ourinhos, 2025
34 p.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Geografia) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências,
Tecnologia e Educação, Ourinhos

Orientador: Amir El Hakim de Paula

1. São Paulo. 2. Imigração Italiana. 3. Palestra Itália. 4. Cotonifício
Rodolfo Crespi. I. Título.

MARCOS VINICIUS MORAIS FERREIRA

**IMIGRANTES ITALIANOS, CLUBES DE FUTEBOL E CIDADE (1880–1930): O
PALESTRA ITÁLIA E O COTONIFÍCIO RODOLFO CRESPI NA URBANIZAÇÃO
DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação, Ourinhos, para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Data da defesa: 11/06/2025

Banca examinadora:

Prof. Dr. Amir El Hakim de Paula (Orientador)

UNESP - Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação - Campus de Ourinhos

Prof. Dr. Diogo Laércio Gonçalves

UNESP - Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação - Campus de Ourinhos

Prof. Dr. Marcelo Dornelis Carvalhal

UNESP - Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação - Campus de Ourinhos

Dedico este trabalho à memória do meu pai, José Roberto Ferreira, que partiu neste ano, mas nunca deixou de acreditar em mim. Sou grato por tudo o que fez por mim, por ter estado ao meu lado, apoiando-me nos estudos e em cada passo da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha irmã Roberta, que foi a primeira pessoa a me incentivar a realizar uma nova graduação e que, durante esses quatro anos, sempre esteve ao meu lado, ajudando-me sempre que precisei.

À minha mãe, Dina, que sempre fez tudo por mim e que, desde cedo, foi quem mais se preocupou para que eu e minha irmã estudássemos. Seu esforço e dedicação foram fundamentais em toda a minha trajetória.

Ao meu pai, Beto, que, infelizmente, faleceu este ano, mas que, em vida, sempre me apoiou em todas as minhas decisões. Sua presença, incentivo e carinho seguem comigo.

Aos meus familiares de Goiânia — meus avós Creusa e João, minha tia Flor e meu tio Johnny — que, mesmo de longe, sempre estiveram torcendo por mim.

Aos professores que contribuíram significativamente para a minha formação. Sempre me interessei muito pela Geografia, e, por isso, consegui aproveitar intensamente as disciplinas, os trabalhos de campo, os projetos e os grupos de pesquisa e extensão.

Às amigas que construí durante o curso e nas repúblicas em que morei, e que, principalmente após a morte do meu pai, me deram todo o apoio necessário para seguir em frente. Um abraço especial a André, Antonio, Arthur, Bruno, Gabriel, Gaby, Gustavo, Jesus, Leo, Livia, Lisa, Pietra e Thainá.

Ao meu orientador, Amir, com quem desenvolvi esta pesquisa inicialmente no PIBIC e, posteriormente, no TCC, e que, desde o início, abraçou a ideia de pesquisar o futebol sob a perspectiva da Geografia.

À banca avaliadora, composta pelos professores Diogo e Marcelo, pelas contribuições e observações, que foram fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

À Sociedade Esportiva Palmeiras, que me proporcionou comemorar oito títulos durante o período da graduação. Nesse tempo, ninguém invadiu a Praça Mello Peixoto mais do que nós, palmeirenses.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal analisar o processo de expansão urbana da cidade de São Paulo, com um foco especial na imigração italiana e na criação de clubes de futebol como elementos-chave desse desenvolvimento. A relevância deste estudo reside na importância dos processos históricos e na consolidação da Geografia Cultural, especialmente ao utilizar o futebol — um componente significativo da cultura popular, porém ainda subexplorado nos estudos geográficos — como um ponto de partida para essa análise. Por meio da Geografia Urbana, busca-se compreender como a expansão da cidade de São Paulo se entrelaça com a chegada dos imigrantes italianos, que desempenharam um papel fundamental na formação da identidade cultural e social da cidade. Este trabalho utiliza como referência o relatório do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), o que contribuiu para sua fundamentação teórica e metodológica. A pesquisa, de caráter documental e bibliográfico, foi realizada com base em acervos da Universidade Estadual Paulista (UNESP), da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), permitindo uma abordagem sólida para compreender as dinâmicas urbanas e culturais. A análise dos dados demonstrou que a urbanização acelerada de São Paulo, impulsionada pela economia cafeeira e pela industrialização, teve participação ativa dos imigrantes italianos, tanto como força de trabalho nas indústrias quanto como agentes culturais. A fundação dos clubes Palestra Itália e Cotonificio Rodolfo Crespi, inseridos nos bairros operários e ligados diretamente ao capital e à identidade italiana, revelou-se estratégica na construção de redes de sociabilidade, identidade territorial e resistência cultural. Conclui-se que o futebol, ao mesmo tempo em que refletia e reforçava as estruturas sociais e econômicas do período, também funcionava como espaço de mediação simbólica, integração comunitária e apropriação urbana, sendo, portanto, um objeto legítimo de análise na Geografia Cultural e Urbana.

Palavras-chave: São Paulo; Imigração Italiana; Palestra Itália; Cotonificio Rodolfo Crespi.

ABSTRACT

This study aims to analyze the urban expansion process of the city of São Paulo, with a particular focus on Italian immigration and the creation of football clubs as key elements in this development. The relevance of this research lies in the importance of historical processes and the consolidation of Cultural Geography, especially by using football — a significant component of popular culture, yet still underexplored in geographic studies — as a starting point for this analysis. Through the lens of Urban Geography, the study seeks to understand how the expansion of São Paulo intertwines with the arrival of Italian immigrants, who played a fundamental role in shaping the city's cultural and social identity. This work draws on the report from the Institutional Program of Scientific Initiation Scholarships (PIBIC), which contributed to its theoretical and methodological foundation. The research, documentary and bibliographic in nature, was conducted using collections from São Paulo State University (UNESP), the University of São Paulo (USP), and the University of Campinas (UNICAMP), enabling a robust approach to understanding urban and cultural dynamics. Data analysis showed that the accelerated urbanization of São Paulo, driven by the coffee economy and industrialization, involved active participation by Italian immigrants, both as labor in the industries and as cultural agents. The founding of the Palestra Itália and Cotonificio Rodolfo Crespi football clubs, located in working-class neighborhoods and directly linked to Italian capital and identity, proved strategic in the construction of sociability networks, territorial identity, and cultural resistance. It is concluded that football, while reflecting and reinforcing the social and economic structures of the time, also functioned as a space for symbolic mediation, community integration, and urban appropriation, thus representing a legitimate object of analysis in both Cultural and Urban Geography.

Keywords: São Paulo; Italian Immigration; Palestra Itália; Cotonificio Rodolfo Crespi.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
JUSTIFICATIVA.....	11
OBJETIVO GERAL	13
OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
MATERIAIS E MÉTODOS	14
RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

O chamado período pré-industrial brasileiro é marcado pelos ciclos econômicos baseados na monocultura de produtos primários. Alguns exemplos são: a cana de açúcar, o algodão e o café. Araújo (1996) ressalta que na segunda metade do século XIX, o modelo escravocrata apresentava sinais de enfraquecimento, o que aconteceu principalmente por conta do movimento abolicionista e a promulgação de leis abolicionistas, como a Lei do Ventre Livre¹ de 1871.

Dessa forma durante a segunda metade do século XIX iniciou-se o processo de imigração subsidiada de estrangeiros para o Brasil. Segundo Araújo (1996), com a chegada dos primeiros imigrantes no país tem-se um indicativo de mudança no que diz respeito ao tipo de mão-de- obra, saindo do modelo que se baseava no trabalho escravo para o trabalho livre e assalariado.

O processo de imigração subsidiada encontrou uma forma de instaurar o modelo agroexportador sem que se utilizasse o trabalho escravo. Com isso os trabalhadores estrangeiros substituíram os escravos africanos na lavoura, sendo o Estado de São Paulo o principal no que tange ao café. Segundo Dean (1971), a supremacia paulista ocorreu muito por conta da devastação dos cafezais no Ceilão (principal rival de São Paulo), o que contribuiu para acelerar as plantações no Estado de São Paulo.

Segundo Araújo (1996, p. 13) “a elite paulista entendia ser mais vantajoso economicamente a vinda de trabalhadores estrangeiros para o cultivo do café, forçando, assim, o governo do estado de São Paulo a implantar a imigração subsidiada para essa lavoura.”

Uma maneira de atrair imigrantes para o Estado de São Paulo encontrada pelos agentes do governo foi a de subsidiar o pagamento de passagens e a garantia de empregos na lavoura de café. Além disso, tinha a promessa de acesso a terras. Dessa forma foi fácil conquistar camponeses que não viam possibilidade alguma de vida em seu país de origem, pois poderiam se tornar proprietários de terras no Brasil ou acumular capital para voltar ao seu continente em outro momento.

Durante esse período de imigração subsidiada para o Brasil, chegaram indivíduos oriundos de diferentes nacionalidades, com predomínio de imigrantes europeus. Araújo

¹ A Lei Complementar nº 2040, de 1871, está disponível para leitura integral no portal oficial do Planalto. Essa legislação histórica, acessível por meio do link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm#:~:text=LIM2040&text=Declara%20de%20condi%C3%A7%C3%A3o%20livre%20os,a%20liberta%C3%A7%C3%A3o%20annual%20de%20escravos., oferece um detalhamento completo de suas diretrizes e dispositivos legais.

(1996) reforça que os italianos foram os que mais se destacaram nesse fluxo migratório, mandando um contingente de 1.401.332 pessoas entre a década de 80 do século XIX até a década de 30 do século XX. O autor ainda aponta que até o ano de 1920, os imigrantes italianos representavam um total de 44,7% no Estado de São Paulo.

Os italianos vão constituir a maior colônia da cidade de São Paulo e dessa forma vão estar diretamente ligados a criação de clubes para a prática do futebol. Para Moura (2018, p. 264) “era de se estranhar que os alemães, os ingleses, os portugueses e vários outros grupos tivessem seu espaço para praticar o esporte, e os imigrantes e descendentes de italianos não possuísem os próprios times.”

No ano de 1914, a cidade de São Paulo, de acordo com Salun (2007) tinha cerca de 320 mil habitantes, sendo um reduto de imigrantes e um grande mosaico cultural que se transformava a passos largos em uma metrópole. É nesse ano que segundo Capraro (2011) o Palestra Itália tem sua fundação, onde além de um clube de futebol foi um ponto de encontro para os imigrantes italianos, de modo que se estabeleciam relações diferentes com os brasileiros que habitavam a cidade de São Paulo.

Por sua vez, no ano de 1924 se tem a fundação do time de futebol do Cotonificio Rodolfo Crespi, por operários do próprio cotonificio, no bairro da Mooca, através da união de dois clubes da várzea desse mesmo bairro: o Extra São Paulo Futebol Clube e o Cavalheiro Crespi Futebol Clube.

Para Agarelli, Galuppo e Netto (2012) esses operários tinham o desejo de fundar uma agremiação que representasse a empresa como um todo, com o intuito de praticar esportes e recreação, e isso se tornou possível após o incentivo de fortes representações da família Crespi.

Dessa forma o presente trabalho, realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no ano de 2023, buscou analisar o processo de imigração italiana e sua relação com o futebol na cidade de São Paulo, mais especificamente visando compreender os times de futebol na dinâmica de crescimento socioespacial da cidade de São Paulo, destacando a relação dela com a fundação dos clubes Palestra Itália e Cotonificio Rodolfo Crespi, além de reforçar a contribuição do esporte dentro do debate de ensino da Geografia.

JUSTIFICATIVA

A justificativa para este trabalho está enraizada na importância dos processos históricos que moldaram a cidade de São Paulo e na necessidade de consolidar o campo da Geografia Cultural dentro das ciências humanas. O estudo da expansão urbana da cidade, sob a ótica da Geografia Cultural, oferece uma oportunidade única de explorar como elementos culturais e sociais, como o futebol, desempenharam papéis fundamentais na formação da identidade paulistana.

O futebol, em particular, é um fenômeno de grande relevância na cultura popular brasileira, influenciando não apenas o lazer e o entretenimento, mas também a estruturação social e os processos de urbanização. No entanto, apesar de sua importância, o futebol ainda é um tema relativamente sub explorado dentro dos estudos geográficos, o que torna essencial a investigação de suas intersecções com a dinâmica urbana.

Ademais, este trabalho justifica-se pela relevância de compreender a relação entre a expansão urbana de São Paulo e a imigração italiana, um dos grupos que mais influenciou o desenvolvimento da cidade. A chegada massiva de imigrantes italianos no final do século XIX e início do século XX não apenas contribuiu para o crescimento demográfico, mas também para a transformação econômica, cultural e espacial da cidade. Justificativa

O futebol, introduzido e popularizado por esses imigrantes, tornou-se uma parte indissociável do tecido social e cultural de São Paulo, refletindo as tensões e negociações entre diferentes grupos étnicos e sociais no espaço urbano. Analisar essa relação permite uma compreensão mais profunda dos processos que configuraram a cidade moderna, destacando a importância da imigração na sua configuração espacial e cultural.

Além disso, a escolha de utilizar a Geografia Urbana como lente para este estudo reforça a necessidade de integrar diferentes abordagens e disciplinas para compreender fenômenos complexos como a expansão urbana. A Geografia Urbana, ao examinar a organização espacial das cidades e os processos de urbanização, oferece ferramentas valiosas para analisar como a imigração e a cultura popular, representada aqui pelo futebol, influenciam a estrutura e o crescimento das cidades. Essa abordagem multidisciplinar é crucial para revelar as camadas de interações e influências que moldaram São Paulo, proporcionando uma visão mais completa e detalhada do processo de urbanização.

Por fim, este trabalho se justifica pela lacuna existente na literatura acadêmica sobre a relação entre o futebol e a Geografia, particularmente no contexto da imigração italiana em São Paulo. Ao abordar essa intersecção, o estudo não só contribui para o campo da Geografia

Cultural e Urbana, mas também para uma compreensão mais ampla das forças sociais e culturais que moldam as cidades. Dessa forma, este trabalho pretende abrir novos caminhos para a pesquisa e incentivar futuras investigações que explorem a rica e complexa relação entre cultura, imigração e urbanização em outras cidades e contextos.

OBJETIVO GERAL

Analisar o crescimento urbano da cidade de São Paulo, com ênfase na imigração italiana e sua relação com o futebol, destacando a fundação dos clubes Palestra Itália e Cotonificio Rodolfo Crespi como elementos centrais na dinâmica socioespacial da cidade. Além disso, reforçar a importância do esporte no ensino de Geografia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Destacar a fundação do Palestra Itália e do Cotonificio Rodolfo Crespi e a sua relação com a cidade;
- Reforçar a contribuição do esporte dentro do debate de ensino da Geografia;
- Compreender os times de futebol na dinâmica de crescimento socioespacial da cidade de São Paulo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A investigação realizada neste estudo consistiu em uma pesquisa documental e bibliográfica minuciosa, que se valeu de diversas fontes e ferramentas acadêmicas para garantir a abrangência e profundidade necessárias. Inicialmente, o Google Acadêmico foi utilizado como uma plataforma para acessar uma vasta gama de artigos e publicações relevantes, proporcionando uma base teórica sólida para o desenvolvimento da pesquisa.

Além disso, foram feitas consultas extensivas ao acervo da Biblioteca da Faculdade de Ciências, Tecnologia e Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de Ourinhos, onde se localizam importantes obras e documentos que subsidiam a compreensão do tema em questão. Esse processo de busca foi complementado por consultas às bibliotecas da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), instituições renomadas que possuem acervos valiosos para a pesquisa histórica e geográfica.

No caso da UNICAMP, destaca-se o Arquivo Edgar Leuenroth, reconhecido por sua vasta coleção de documentos históricos sobre a história social e política do Brasil. Esse acervo é fundamental para a investigação das relações entre a imigração italiana, a urbanização de São Paulo e o surgimento dos clubes de futebol na cidade. Por meio desse arquivo, foi possível acessar documentos originais, relatórios, periódicos e outros materiais que proporcionam uma compreensão detalhada dos processos históricos que influenciaram a formação da cultura e do espaço urbano paulistano.

Com os dados obtidos durante a pesquisa, foram realizados fichamentos sistemáticos, que envolveram a organização e a análise detalhada dos principais fatos históricos e geográficos do período estudado. A partir de palavras-chave, buscou-se demonstrar como esses eventos se relacionam diretamente com o desenvolvimento do futebol na cidade de São Paulo e como o esporte, por sua vez, influenciou a configuração espacial e cultural da cidade. Os fichamentos foram fundamentais para estruturar o raciocínio e as conclusões do estudo, permitindo uma análise crítica e bem fundamentada das fontes documentais.

Além da pesquisa bibliográfica e documental, foram realizadas discussões acadêmicas virtuais pela plataforma Google Meet, promovendo um rico intercâmbio de ideias com outros pesquisadores. Essas reuniões aconteceram dentro de um grupo de pesquisa vinculado à CAPES, reunindo especialistas interessados na relação entre Futebol e Geografia. Esses encontros foram fundamentais para a troca de perspectivas, o aprimoramento das hipóteses e conclusões, e para fortalecer a colaboração interdisciplinar e o diálogo com pesquisas correlatas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cidade de São Paulo ganhou importância econômica e territorial no século XX por meio de seu crescimento populacional, derivado, principalmente, do empreendimento cafeeiro que se espalhou pelo Estado. Segundo Monteiro (1994) é no século XIX que a colônia italiana começa a se estabelecer em São Paulo, para prover de mão de obra as plantações de café.

Esse processo implicou uma reorganização do espaço urbano e rural, em que os fluxos migratórios e as redes de transporte passaram a conectar diferentes regiões do Estado, transformando São Paulo em um nó estratégico dentro da rede urbana brasileira.

Para Ramos (2001) *apud* Cano (1977) o regime livre nas fazendas de café proporcionou uma espécie de alargamento de disponibilidade de mão de obra para a expansão urbana industrial, com isso “depois que o café solucionava o grave problema de suprimento de mão-de-obra para sua própria expansão, fica quase que automaticamente resolvido o problema para a demanda de mão-de-obra requerida pela indústria” (p. 34).

Com isso Ramos (2001) afirma que muitos imigrantes em vez de serem contratados pelos fazendeiros, acabaram por ir trabalhar nas indústrias que estavam surgindo. Assim, Guimarães (2021) reforça que rapidamente a cidade deixou o ar provinciano e a feição colonial que a caracterizou até a última década do século XIX e consolidou-se como a cidade do capital, de modo que sua economia fosse expandida, principalmente com o crescimento da produção industrial e da especulação imobiliária.

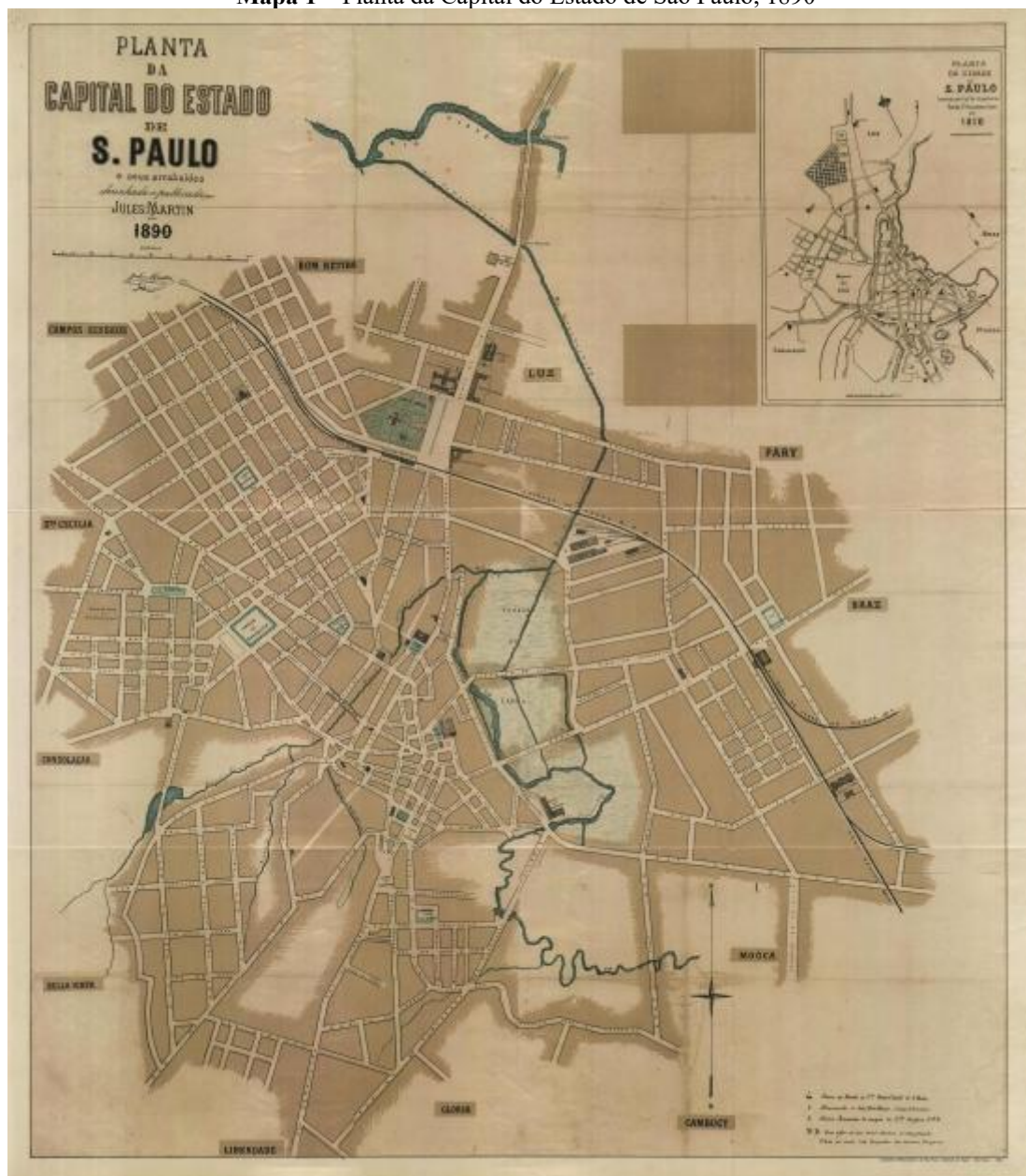
Esse movimento coincide com a intensificação do processo de urbanização e da metropolização de São Paulo, cujas transformações espaciais foram marcadas pela expansão das periferias operárias e pela crescente diferenciação socioespacial dos bairros, moldada pelas funções econômicas e pelas práticas culturais dos grupos ali instalados.

Ainda segundo Guimarães (2021), no século XX, mais especificamente entre os anos de 1900 a 1920 é possível perceber o aumento populacional da cidade de São Paulo, crescimento este que foi superior a 142%, um número bem acima do padrão em comparação com outras capitais do país (incluindo o Rio de Janeiro, capital do país nessa época), que em média cresciam 61%.

Esse salto populacional refletiu-se diretamente na expansão horizontal da cidade, intensificando os processos de segregação socioespacial e a formação de novas centralidades urbanas, vinculadas aos eixos industriais e à malha ferroviária.

Esse dado é relevante pois destaca como a cidade cresceu, considerando que em grande parte do século XIX de acordo com De Paula (2005) ela não possuía grande importância para o resto do país, tanto que em 1872 a cidade ainda não tinha atingido 40.000 habitantes e sua população estava atrás das Capitais do Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Belém.

²Mapa 1 – Planta da Capital do Estado de São Paulo, 1890



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional Digital do Brasil (BN Digital).

Mapa elaborado pelo arquiteto e professor Jules Martin, representando a configuração urbana da cidade de São Paulo no final do século XIX. A imagem destaca os principais bairros

² Para melhor visualização do mapa, recomenda-se o acesso à versão digital em alta resolução disponível em: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info20/img/1890-download.jpg>

operários (como Brás, Mooca, Bom Retiro e Luz), a rede hidrográfica (rios Tamanduateí e Tietê) e as linhas férreas, elementos estruturantes do processo de industrialização e da ocupação territorial pelos imigrantes italianos. Este registro cartográfico permite visualizar como a cidade se organizava espacialmente às vésperas de sua transformação em metrópole, evidenciando os vetores de crescimento urbano e a importância da infraestrutura para a consolidação dos bairros ligados à cultura operária e ao futebol.

Entre o período de 1900 a 1917, De Paula (2005) afirma que o Estado de São Paulo recebeu mais de 50% do conjunto de imigrantes do país, e esse imigrante teve grande participação nas indústrias como operários, ainda que uma minoria desenvolvesse outras atividades, tais como artesanais e empresariais.

A cidade de São Paulo no século já não podia ser chamada apenas de capital do café, pois como explica De Paula (2005) ela passou por um processo de urbanização, recebeu capitais investidos na indústria, contando com mais de 150 fábricas, mais de 13.000 operários (em sua maioria imigrantes).

Esse novo padrão espacial de desenvolvimento produziu transformações profundas na paisagem urbana, com a emergência de zonas industriais concentradas e bairros operários vinculados à lógica do capital e da infraestrutura urbana.

Outro fato importante segundo Hardamann e Leonardi (1982) é que as maiores indústrias nesse período estavam concentradas nos bairros da Mooca, Brás e Barra Funda, isso se deu principalmente por conta das ferrovias, por conta de transporte de matérias-primas, trabalhadores imigrantes e máquinas, e por conta dos rios, que além de sua função enquanto transporte, surgiu como fonte de energia hidráulica e hidrelétrica e servia como depósito.

Esses elementos naturais e infraestruturais configuraram um sistema espacial que influenciou a localização e o adensamento industrial na zona leste e noroeste da cidade, estabelecendo claros eixos de desenvolvimento urbano.

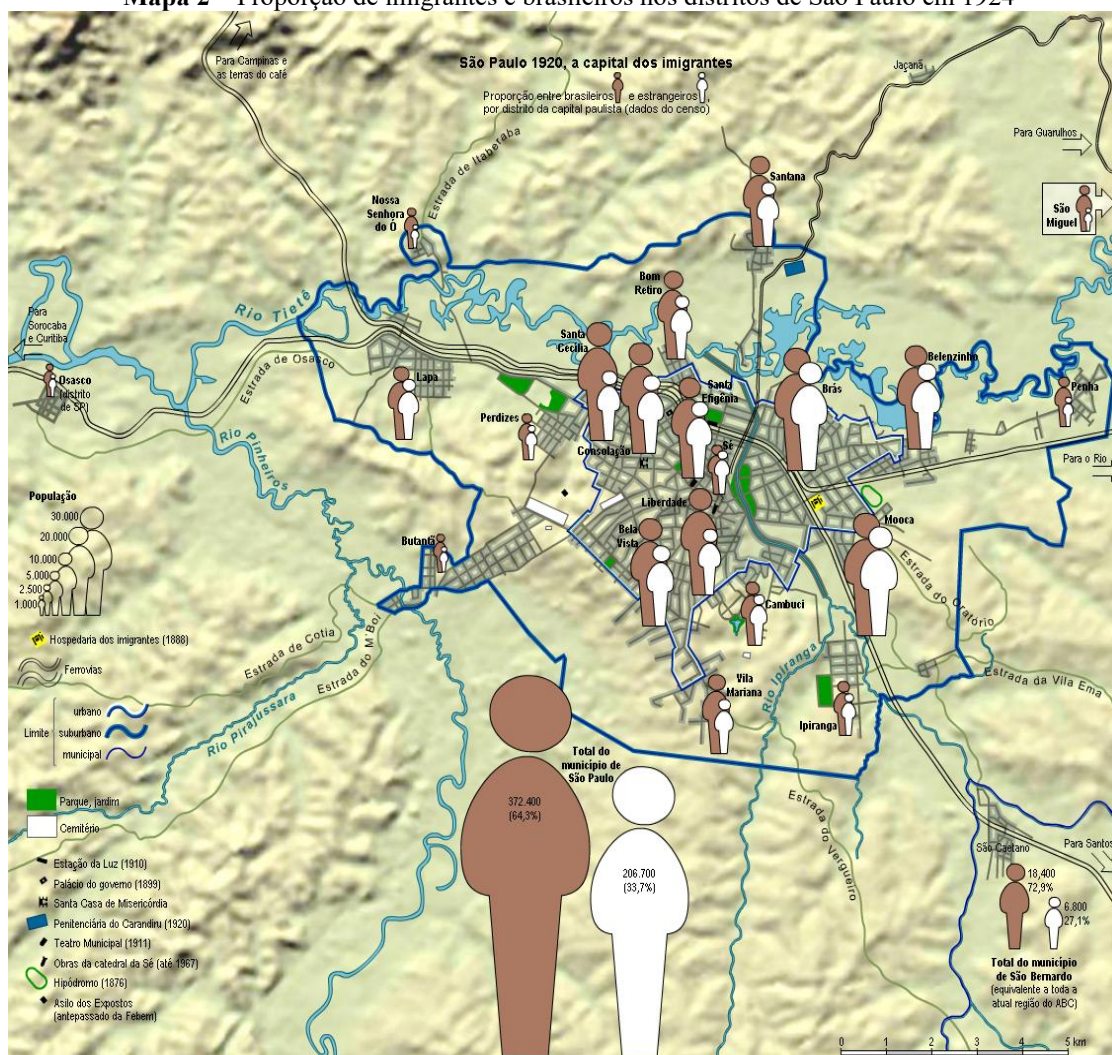
Essas localizações industriais ao longo dos eixos fluviais e ferroviários consolidaram um modelo de espacialização produtiva, com forte especialização territorial, característica marcante do processo de industrialização periférica nos países latino-americanos. Esse padrão contribuiu para a segregação socioespacial e para a formação de um mosaico urbano marcado pela diferenciação econômica e social entre os bairros.

A coletividade italiana concentrava-se em bairros considerados populares na cidade de São Paulo, como o Bairro do Brás onde moravam os fundadores do Palestra Itália, muitos deles funcionários das indústrias Matarazzo, ou a Mooca onde se teve a fundação do Cotonificio Rodolfo Crespi, que teve a sua expansão umbilicalmente ligada ao do bairro. De acordo com

Guimarães (2021) a maioria desses bairros ficavam próximos aos polos industriais, nos quais segundo o autor:

frequentemente chegava a se configurar uma territorialidade de especificidades regionais (os napolitanos se concentravam no Brás e na Mooca, os calabreses no Bexiga e os venezianos no Bom Retiro, por exemplo). No imaginário comum sobre a cidade estas localidades assumiam a figura de bairros italianos, tanto pela concentração numérica de trabalhadores de origem italiana entre seus habitantes, como pela proeminência de traços culturais desta população verificados com maior ênfase em tais localidades. No entanto, também era comum que os italianos convivessem com outros grupos nesses ambientes, e não necessariamente de forma harmoniosa: no Bom Retiro, por exemplo, imigrantes de outras nacionalidades e etnias – como sírios, libaneses, portugueses, espanhóis, turcos, russos e israelitas, entre outros – conformavam no bairro um singular ambiente multicultural; no Bexiga, por sua vez, a presença italiana (sobretudo de calabreses) compartilhava o bairro com populações negras instaladas anteriormente na mesma região (Guimarães, 2021, p. 48).

³Mapa 2 – Proporção de imigrantes e brasileiros nos distritos de São Paulo em 1924

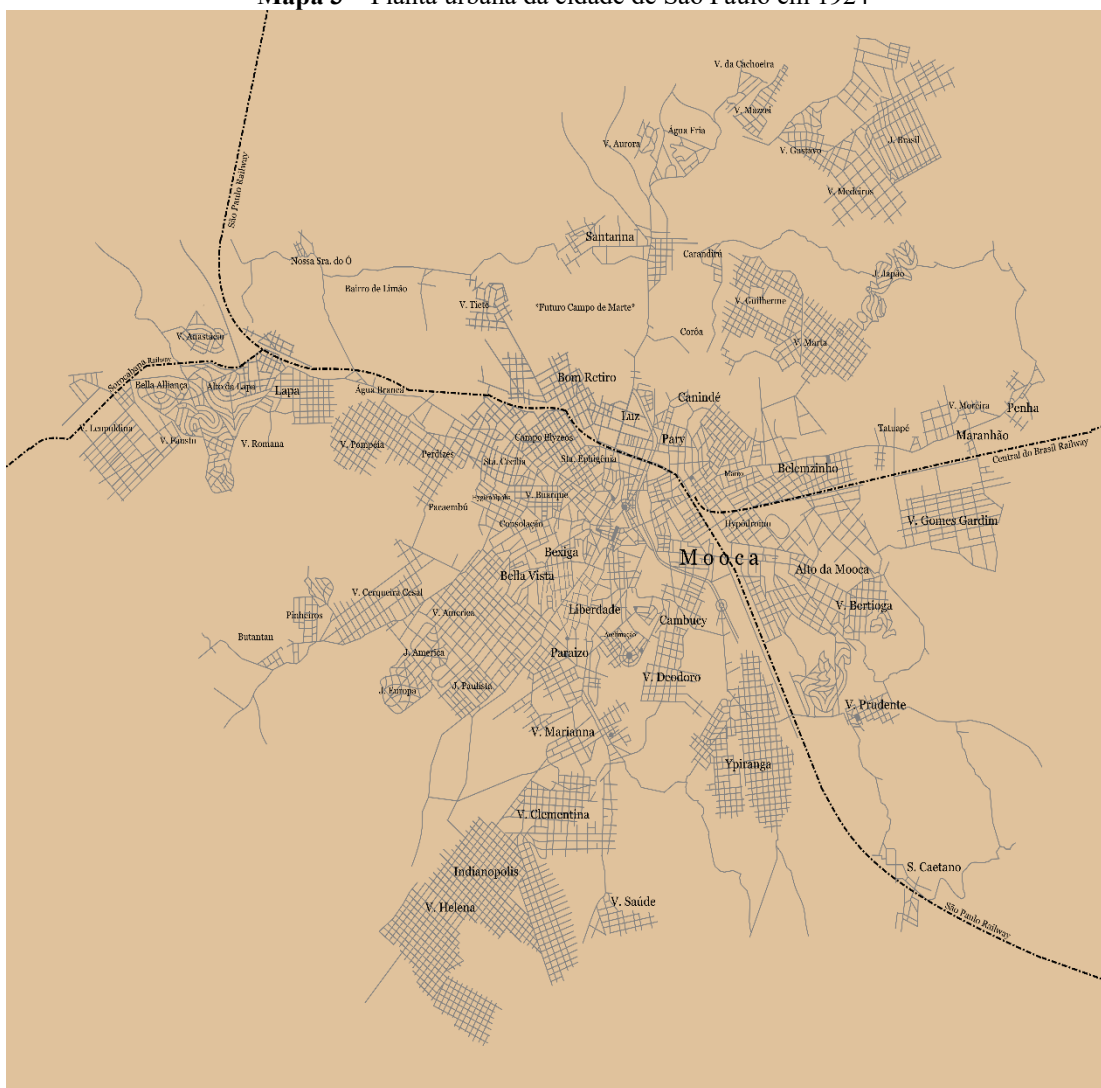


Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil – FGV.

³ Para melhor visualização do mapa, recomenda-se o acesso à versão digital em alta resolução disponível em: <https://atlas.fgv.br/marcos/do-escravo-ao-imigrante/mapas/sao-paulo-1920-capital-dos-imigrantes>

Esse mapa temático representa a proporção entre imigrantes e brasileiros nos distritos da cidade de São Paulo em 1924. A imagem permite visualizar como os imigrantes estavam concentrados em bairros operários da capital paulista, como Brás, Mooca, Bixiga e Bom Retiro, reforçando o caráter étnico-territorial da ocupação urbana no início do século XX. A leitura espacial revela a forte presença imigrante em regiões estratégicas para a industrialização e formação da cultura operária paulistana.

⁴Mapa 3 – Planta urbana da cidade de São Paulo em 1924



Fonte: Página da Comunidade da Cidade de São Paulo.

A planta mostra a configuração urbana da capital paulista no ano de 1924, evidenciando bairros operários como Mooca, Brás, Bom Retiro e Água Branca, bem como as linhas férreas e principais eixos de expansão. O mapa permite visualizar a disposição dos bairros industriais

⁴ Para melhor visualização do mapa, recomenda-se o acesso à versão digital em alta resolução disponível em: https://www.reddit.com/r/saopaulo/comments/pq0bvt/mapa_de_s%C3%A3o_paulo_em_meados_de_1924/#lightbox

e sua conexão com a infraestrutura ferroviária, refletindo o processo de urbanização associado à presença imigrante, especialmente italiana, e à formação dos clubes operários na cidade.

Essa configuração espacial evidencia uma segmentação territorial étnica dentro da malha urbana paulistana, que moldou identidades e dinâmicas sociais locais. Já essas interações sociais e étnicas também configuram uma complexa dinâmica espacial, onde a segregação e a convivência coexistiam nas mesmas áreas urbanas, moldando a paisagem cultural paulistana.

A organização espacial da cidade refletia não apenas as demandas produtivas, mas também as dinâmicas sociais e culturais dos grupos imigrantes, que ao ocuparem determinados territórios passaram a moldar suas morfologias urbanas, redes de vizinhança e formas de apropriação do espaço. Essa apropriação do território traduz-se em padrões de uso do solo, densidades populacionais específicas e na produção de lugares simbólicos na cidade.

Para Laurentino (2002) a posição geográfica da cidade de São Paulo entre o Oeste Paulista e a ligação ferroviária para com o porto de Santos a transformou como um importante centro comercial. O autor ainda explica que por conta dos negócios financeiros e comerciais, visando administrar as empresas em que aplicavam seus capitais, fazia com que fazendeiros fossem obrigados a residir algum tempo na cidade, nesse sentido muitos fazendeiros se mudaram para a cidade de São Paulo, que por sua vez oferecia uma cultura urbana que melhor oportunizava condições ao desenvolvimento capitalista. Geograficamente, isso contribuiu para o crescimento da cidade em direção ao centro, fomentando a urbanização e a formação de um complexo metropolitano com funções múltiplas.

Os imigrantes, principalmente os italianos, segundo Laurentino (2002) estabeleciam-se na cidade de São Paulo, quase sempre advindos das fazendas de café por conta das crises da cafeicultura ou pelo abandono das fazendas. É esse elemento estrangeiro que aparece nas mais diversificadas atividades, por exemplo, nas indústrias, no comércio, ou em outras funções técnicas especializadas. Com os fazendeiros ficando mais tempo na cidade para acompanhar seus negócios do café, São Paulo tem sua transformação decorrente direta ou indiretamente as lavouras de café e a imigração, não excluindo o fator do sistema de transporte, que com a implantação das vidas férreas que contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento da cidade.

O sistema ferroviário, implantado em locais estratégicos como os terraços fluviais e várzeas, reforçou a conexão da cidade com o interior e o litoral, consolidando São Paulo como um nó logístico regional fundamental.

Segundo o Arquivo do Estado de São Paulo [s.d.] o futebol brasileiro surgiu como um esporte de elite, sendo inicialmente praticado por altos funcionários de empresas estrangeiras,

como a San Paulo Gas Company e a The São Paulo Railway Company, em terrenos improvisados como o da Várzea do Carmo, onde ocorreu a primeira partida em 1895. A adaptação do Velódromo Paulistano para partidas de futebol, em 1901, reflete esse caráter elitizado do esporte em seus primórdios, apesar de sua popularização progressiva também entre os bairros operários.

Vale destacar que existem vários registros sobre a chegada do futebol em terras brasileiras: alguns indicam que marinheiros estrangeiros já jogavam partidas informais — as chamadas “peladas” — em 1864; outros apontam para os anos de 1874 e 1878, quando o futebol era praticado em um descampado localizado em frente à residência da princesa Isabel, no Rio de Janeiro; e ainda há relatos sobre uma prática de futebol “caipira” no interior paulista por volta de 1867. No entanto, a explicação mais aceita sobre a introdução do “football” organizado no Brasil é a de Charles Miller, nascido em São Paulo em 1874. Filho de um engenheiro escocês e de uma brasileira de descendência inglesa, Miller foi para a Inglaterra aos nove anos e retornou em 1894 trazendo bolas, uniformes e o conhecimento para difundir o esporte entre os ingleses residentes na cidade, que até então praticavam críquete como principal atividade esportiva (Arquivo do Estado de São Paulo [s.d.]).

A localização dessas primeiras práticas esportivas não foi aleatória: conforme Laurentino (2002), as companhias ferroviárias elegeram terraços fluviais e várzeas como áreas estratégicas para sua infraestrutura, o que também influenciou diretamente o uso social desses espaços. As várzeas, ao oferecerem áreas abertas e acessíveis, tornaram-se fundamentais para a expansão do futebol como prática comunitária e identitária, integrando etnias, grupos profissionais e moradores de diferentes localidades urbanas.

Além do futebol de várzea, o futebol de fábrica se consolidou a partir da relação entre o espaço industrial e o lazer operário, com empresas cedendo terrenos ou recursos para clubes formados por seus trabalhadores. Assim, a topografia e a infraestrutura urbana de São Paulo — marcada pela presença de várzeas e linhas ferroviárias — moldaram tanto a expansão territorial do futebol quanto sua função como instrumento de sociabilidade, integração e controle social nas primeiras décadas do século XX.

Como mencionado anteriormente os italianos constituíram a maior colônia da cidade de São Paulo e estranhava-se que outras colônias de imigrantes tivessem espaços para a prática do esporte, enquanto os imigrantes italianos e seus descendentes não possuíam seus próprios times.

Tanandone (2024) menciona que, em São Paulo, alguns clubes foram fundados com a participação de famílias italianas, conforme listado pelo historiador Galuppo. Entre eles estão a Associação Atlética das Palmeiras, fundada em 1902 com a colaboração da família Salerno;

o Sport Club Internacional, de São Paulo, fundado em 1899 com o envolvimento das famílias Facchini e Postiglioni; o Club Athletico Paulistano, fundado em 1900 com a participação da família Stilitano; e o São Paulo Railway Athletic Club, fundado em 1919 com a contribuição da família Fornasari.

Apesar da participação de famílias italianas em sua fundação, esses clubes não carregavam uma ligação direta ou simbólica intensa com a Itália. Suas identidades eram mais associadas à elite paulistana ou a instituições vinculadas ao capital estrangeiro e ao esporte burguês da época. Diferentemente de clubes como o Palestra Itália, criado explicitamente para representar a comunidade italiana, essas agremiações tinham uma composição social mais heterogênea e objetivos esportivos menos ligados à afirmação étnica ou cultural da colônia italiana em São Paulo.

Segundo Tanandone (2024), um exemplo notável é o Corinthians, fundado em 1910 no bairro do Bom Retiro por um grupo de trabalhadores, entre eles 13 italianos, em uma região majoritariamente imigrante nas primeiras décadas do século XX. Criado por operários e setores marginalizados em um contexto em que o futebol era dominado pelas elites, o clube teve como primeiros presidentes os italianos Miguel Battaglia e Alexandre Magnani, e teve também um italiano, Luigi Fabbi, como autor do seu primeiro gol. Apesar dessa forte presença italiana em sua origem, o Corinthians nunca adotou ou propagou uma identidade ligada à "italianidade", ao contrário do que ocorreria quatro anos depois com o Palestra Itália, fundado para representar explicitamente a colônia italiana.

De acordo com Ramos (2013), em 1911 houve uma tentativa de unir as diversas colônias italianas de São Paulo por meio do futebol, buscando fortalecer a identidade comunitária. Nesse contexto, foi fundado o Ruggerone Foot-Ball Club, inspirado na admiração pelo aviador Eros Ruggerone, que ganhou fama após uma exibição aérea realizada em 24 de dezembro de 1910, no bairro da Mooca, promovida pelo primeiro aeroclube de São Paulo. Na competição, Ruggerone venceu seu compatriota Giulio Piccolo, que sofreu uma queda durante o trajeto. Sua coragem e habilidade o tornaram um símbolo para os italianos da cidade. Apesar do esforço do Ruggerone Foot-Ball Club para reunir os italianos, o time enfrentou dificuldades para se firmar, já que muitos imigrantes estavam vinculados a equipes locais consolidadas, como o Minas Gerais FC, do bairro do Brás/Campos Elíseos, e o União Lapa FC, do bairro da Lapa.

Ramos (2013) menciona que a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos), liga formada por clubes de elite que defendiam o amadorismo, convidou o recém-fundado Palestra Itália para disputar seu campeonato. Em resposta, a LPF buscou times de várzea que representassem a colônia italiana no campeonato de 1916, convidando o Ruggerone e o Ítalo

Foot-Ball Club. Foi o início da participação do Ruggerone em competições oficiais, mas o primeiro ano foi difícil: o Ruggerone, que precisava conciliar trabalho e jogos, não conseguiu acompanhar o ritmo da LPF, perdendo várias partidas por W.O.

Para Ramos (2013), devido ao calendário extenuante, muitos clubes desistiram do torneio. As desistências enfraqueceram a LPF, que acabou se fundindo à APEA em 1917. O Ruggerone foi inscrito na 3ª divisão de 1917, competindo contra clubes de outras colônias, além de times formados por cariocas e operários. Para um clube que aspirava ser o principal representante dos italianos em São Paulo, essa realidade foi bastante desanimadora.

Apesar da existência de diversos clubes ligados, de alguma forma, à comunidade italiana — alguns com maior evidência histórica e outros com registros mais escassos e difíceis de acessar —, nenhum deles conseguiu, de fato, consolidar-se como o grande representante unificador da colônia italiana em São Paulo. A dispersão territorial dos imigrantes, a pluralidade de identidades locais nos bairros operários e a ausência de uma articulação institucional mais ampla dificultaram a formação de um clube que encarnasse, de maneira coesa e duradoura, a “italianidade” no futebol paulistano. Essa representação simbólica e identitária só viria a se concretizar com os clubes que são objeto do nosso estudo: o Palestra Itália e o Cotonificio Rodolfo Crespi Futebol Clube.

Um fator que pode contribuir para explicar essa dificuldade de consolidação de um clube representativo da colônia italiana em São Paulo está ligado à própria fragilidade da identidade nacional entre os imigrantes italianos no início do século XX. Como observa a historiadora Diana Mendes Machado da Silva (*apud* Girardi, 2017), muitos desses imigrantes ainda se identificavam fortemente com suas regiões de origem, como Calábria, Nápoles ou Vêneto, uma vez que a unificação da Itália era recente e ainda não havia se enraizado um sentimento nacional homogêneo. Além disso, o convívio nos espaços de acolhimento e trabalho com outros grupos de imigrantes, como espanhóis e portugueses, também diluía as fronteiras identitárias, dificultando a formação de uma identidade coletiva italiana.

A introdução original do futebol na cidade de São Paulo segundo Guimarães (2021) foi protagonizada pelas elites, porém com a disseminação de sua prática entre o operariado paulistano, surgiu também o futebol de fábrica, que era praticado por trabalhadores no interior das indústrias, para o autor “o futebol de fábrica constituía uma atividade do tempo livre surgida do agrupamento associativo dos próprios trabalhadores em momentos de lazer” (Guimarães, 2021, p. 81). Essas práticas esportivas refletem a apropriação do espaço urbano e industrial para fins culturais e sociais, transformando áreas de trabalho em territórios simbólicos e de identidade.

Guimarães *apud* Antunes (1992) explica que a formação dessas equipes passou a ser incentivada pelos próprios patrões, isso ocorria por dois motivos: 1. A divulgação da empresa e seus produtos; 2. Uma forma de controlar o lazer dos operários. Para os autores:

Se, por um lado, “os clubes operários tornavam-se [...] motivo de orgulho para as empresas, figurando até mesmo nos álbuns preparados para divulgar a imagem da indústria nacional”, conforme discutido pelo historiador Leonardo Pereira, simultaneamente também se apresentavam como a possibilidade de afastamento do operariado de atividades consideradas moralmente nocivas ou politicamente subversivas, como podemos constatar nas lembranças do empresário Nicolau Scarpa – referenciadas pela historiadora Margareth Rago – sobre o cotidiano da Vila Maria Zélia, da qual se tornara proprietário em 1926: de acordo com o industrial a prática do futebol operário, sustentada pela empresa com a manutenção de um campo na Vila e uma equipe atuante em campeonatos, era uma das medidas que “resolve admiravelmente os complexos problemas da Questão Social, e soluciona o conflito entre o capital e o trabalho, que tanto vem preocupando a humanidade”. (Guimarães, 1992, p. 83).

Isso evidencia o papel da organização espacial do lazer industrial na gestão das relações sociais e espaciais dentro da cidade, com o futebol atuando como ferramenta territorial de mediação social. Guimarães (2021) chama atenção para dois nomes que estão inteiramente ligados com os clubes abordados no presente estudo. Segundo ele “tanto Rodolfo Crespi quanto Matarazzo frequentemente mobilizavam o sentimento de italianidade na direção de seus negócios, sobretudo em tentativas de apaziguar conflitos de classe e movimentos grevistas dentro de suas empresas (Guimarães, 2021, p. 120)”.

Ainda segundo o autor, principalmente após a Greve Geral de 1917, os segmentos patronais realizavam esforços para controlar as organizações e atividades do tempo livre dos trabalhadores. Essa ação patronal reflete as tensões espaciais e sociais da cidade industrial e os mecanismos de controle territorial sobre a população trabalhadora.

É no ano de 1914 quando a cidade de São Paulo caminhava para se tornar uma metrópole que se tem a fundação do Palestra Itália. Para Araújo (1996) o clube foi fundado para ser atuante no esporte paulistano e assume papel de representação do grupo italiano sem cortes regionais, coisa que não acontecia com outras entidades representativas dos italianos na cidade.

Cervo (2012) comenta que o Palestra Itália, foi fundado no extinto salão Alhambra, que ficava localizado próximo à Praça da Sé. Cerca de 46 pessoas participaram do encontro de fundação, a maioria italianos, com o intuito de ser uma entidade recreativa e dramática e não somente esportiva.

O Palestra Itália segundo Moura (2019) foi fundado com o intuito de ser atuante no esporte paulistano, assumindo o papel de representante do grupo italiano (sem cortes regionais), algo que não acontecia na prática de outras entidades que representavam os imigrantes italianos na cidade de São Paulo.

O alto número de italianos na fundação do clube levou o clube inicialmente a ser reconhecido como um clube popular, onde inclusive a primeira diretoria do clube era composta por pessoas de classe média e trabalhadora, como comerciantes e operários residentes na metrópole paulistana. De acordo com Guimarães (2021) a taxa mensal de associados, que tinha como valor 1\$000, enquanto outras agremiações esse valor era em média 10\$000, o que representa como inicialmente o clube possuía esse caráter mais popular.

Posteriormente Guimarães (2021) comenta que o Palestra Itália [expandiu] seu número de associados, o clube contou com a entrada e a participação de elites ítalo-paulistanas em sua vida política e incidiu de forma decisiva na consolidação da aquisição de sua praça desportiva própria na região do bairro da Água Branca, zona oeste de São Paulo.

Segundo o mesmo autor, em fevereiro de 1920, o conselho do clube após assembleia passou a incluir nomes dos principais industriais italianos da cidade, como Rodolfo Crespi, Alessandro Siciliano, Nicola Puglisi e Egídio Pinotti Gamba, além da ascensão do empresário Menotti Falchi à presidência do clube e a nomeação de Francesco Matarazzo como “presidente honorário” (cargo simbólico).

Segundo Atique, Sousa e Gessi (2015) em 1917 o Palestra Itália passa a realizar seus jogos no Parque Antarctica, juntamente com o América Futebol Clube, que já alugava o campo, porém não possuía condições financeiras suficientes para arcar com toda a despesa referente ao aluguel sozinho.

Imagem 1 – Campo do Parque Antarctica em 1920.



Fonte: Site oficial da Sociedade Esportiva Palmeiras.

Porém com o sucesso do clube, conseqüentemente suas partidas tiveram um número maior de torcedores. Atique, Sousa e Gessi (2015) afirmam que isso motivou o Palestra Itália a comprar a área do Parque Antarctica no ano de 1920, onde através do apoio da Companhia Matarazzo, realizou a compra do campo de futebol e de grande parte do terreno do Parque Antarctica.

Lourenço (2013) afirma que esse foi o primeiro movimento da família Matarazzo, que deu um aporte de 500 mil réis para a compra do campo do Parque Antártica. Porém, como o clube não conseguiu arcar com todas as parcelas do pagamento, a solução encontrada foi vender parte do terreno para o conde Francesco Matarazzo.

No espaço adquirido pelo conde Francesco Matarazzo, Ramos (2001) afirma que se instalou em 1927 a Oficina Mecânica e Fundição de sua empresa, e a partir de 1973 foi construído o supermercado Superbom, com o intuito de distribuir os produtos das Indústrias Reunidas Francesco Matarazzo em 1975.

Segundo o Semma Group (2012) teve a inauguração do Shopping Center Matarazzo (atualmente o Shopping Bourbon ocupa o local), que não passava de um Strip Center coberto, ou seja, um super ou hipermercado, com uma faixa de lojas satélites, instaladas de frente para seus caixas. Ainda segundo Ramos (2001), nesse núcleo do Água Branca em 1922, foram instaladas diversas fábricas, onde se produziam diversificados produtos.

O Parque Antarctica segundo Sousa (2017) teve papel fundamental no desenvolvimento não só do bairro do Água Branca, mas também da estrutura urbana e econômica da cidade de São Paulo, isso antes mesmo do Palestra Itália estar ligado a ele. O espaço, que contava com 300 mil metros quadrados, era um espaço de lazer e entretenimento aberto ao público, que contemplou tanto a classe operária quanto a elite paulistana.

Após adquirir a praça desportiva, segundo o site do Palmeiras (2020) formou-se a Comissão Pró-Estádio, que buscava promover doações para viabilizar a construção do estádio. Com isso o clube conseguiu doações do conde Matarazzo, do comendador Rodolfo Crespi, do comendador Giuseppe Pugliesi Carbone, e do Banco Francês Italiano. Posteriormente, em 1933, o clube inaugurou o Stadium Palestra Itália, na época o maior e mais moderno estádio do país, sendo o primeiro da cidade a contar com arquibancadas de concreto armado, além de contar com capacidade total de 30 mil pessoas. Segundo Atique, Sousa e Gessi (2015, p. 98):

É possível distinguir, de acordo com a reformulação do estádio, um processo que demonstra um novo conceito na construção civil, em que o carro-chefe era o concreto armado e suas aplicações nas mais diversas formas, como a construção da tribuna social e das arquibancadas que substituiriam as anteriores feitas de madeira, proporcionando melhores condições para um número maior de torcedores, muitos deles chegando ao estádio pelos bondes que saíam do centro da cidade. As novas

arquibancadas foram inauguradas em 13 de agosto de 1933, durante a partida de Palestra Itália versus Bangu, pelo Torneio Rio–São Paulo.

Já em 1924 em outro bairro com predomínio da colônia italiana ocorre a fundação do Cotonificio Rodolfo Crespi por trabalhadores operários da empresa que carregava o mesmo nome. Com a união do Extra São Paulo Futebol Clube e o Cavalheiro Crespi Futebol Clube, clubes que também estavam situados no bairro da Mooca, se deu início ao Cotonificio Rodolfo Crespi Futebol Clube.

O bairro da Mooca, localizado na zona leste de São Paulo, caracteriza-se por sua forte presença de imigrantes italianos desde o final do século XIX, o que influenciou diretamente o desenvolvimento industrial e cultural local. Suas ruas estreitas e sua estrutura urbana acompanham a configuração típica de bairros operários da época, fortemente vinculados às indústrias têxteis e metalúrgicas.

Agarelli, Galuppo e Netto (2012) reforçam que o clube manteve as cores vermelho, preto e branco do Extra São Paulo, além de utilizar a maioria de seus jogadores, em contrapartida o Cavalheiro Crespi Futebol Clube cedeu sua sede social e sua força organizativa, através de Vicente Romano e Manuel Vieira de Souza, que assumiram as funções de presidente e vice até que os estatutos fossem redigidos.

Geograficamente, essa fusão dos clubes locais reflete a importância da concentração industrial na Mooca, onde a proximidade espacial facilitava a interação social e esportiva entre trabalhadores. A infraestrutura urbana, incluindo ruas e praças próximas às fábricas, oferecia um cenário ideal para o desenvolvimento de clubes operários, fortalecendo laços comunitários em um espaço urbano em transformação.

No dia 24/04/1925, o Cavalheiro Rodolfo Crespi, sensibilizado e em gratidão às manifestações afetuosas de seus funcionários, cedeu a esta nova agremiação que tanto honrava o bom nome de sua fábrica no cenário esportivo, um amplo terreno situado na mesma Alameda Javry, n. 117 – atual Rua Javari –, que fora adquirido pela família Crespi em 02/02/1908 junto ao Sr. Joaquim Franco de Camargo Júnior e esposa, a fim de que naquele espaço fosse praticado o futebol em condições melhores e mais dignas. A agitação foi geral. Em menos de dois dias os funcionários da fábrica e dirigentes do clube se organizaram para limpar o terreno, que até então era ocupado para o debulho do algodão usado na fábrica, e preparar uma improvisada tribuna de madeiras para a inauguração da sua nova praça esportiva, tamanha a satisfação que reinava. Na tarde de domingo do dia 26/04/1925, no campo da Rua Javari estiveram presentes inúmeras personalidades, para prestigiar o confronto inaugural entre Cotonificio Rodolfo Crespi F.C. versus Vera Cruz F.C. Coube ao Sr. Cavalheiro Rodolfo Crespi a honra de dar o pontapé inicial e inaugural do novo campo (Agarelli, 2012, p.23).

Imagem 2 – Estádio da Rua Javry na década de 1930.



Fonte: Site oficial do Clube Atlético Juventus.

A localização do campo na Rua Javari, ainda hoje conhecida por sua ligação histórica com o futebol de várzea e de clubes operários, representa um marco na ocupação urbana da Mooca. A implantação de espaços esportivos neste bairro indica como a geografia local contribuiu para o fortalecimento da identidade comunitária, vinculando a indústria têxtil e a cultura popular por meio do esporte.

De acordo com Prado *et al.* (2012) no ano de 1924 ocorre um movimento nacional em São Paulo, que resulta na queda do então presidente do Estado, Carlos de Campos. Durante essa revolta o Prédio do Cotonifício Rodolfo Crespi é atingido por um bombardeio aéreo das forças legalistas federais.

O impacto do conflito político na infraestrutura industrial e urbana da Mooca revela a vulnerabilidade das áreas industriais em zonas estratégicas da cidade. A geografia do bairro, situada em um eixo de circulação e logística importante para São Paulo, fazia dele um ponto sensível durante conflitos, evidenciando a relação entre o espaço urbano e os processos políticos e sociais.

Dessa forma, em meio a essa revolução ocorre o desenvolvimento do time e do bairro juntos. Pós-revolução, no ano de 1925, o bairro da Mooca passa por um processo de reestruturação, e o clube ganha do Cavalheiro Rodolfo Crespi um terreno amplo na Alameda Javry (atual Rua Javari) para desenvolver a prática do futebol.

Nesse período o bairro da Mooca estava cada vez mais avançando, e segundo Prado *et al.* (2012, p. 15) “no caminho que ia da fazenda produtora ao consumidor estrangeiro, o café alavancava o progresso do país. O processo de industrialização foi acelerado com a fabricação das máquinas destinadas ao beneficiamento dos grãos.”

A geografia econômica da Mooca estava profundamente ligada à rota do café, elemento chave para o desenvolvimento paulista. A localização do bairro próxima a importantes vias de transporte facilitava o escoamento da produção industrial e agrícola, integrando-o aos fluxos nacionais e internacionais, o que impulsionava seu crescimento urbano e populacional.

Essa produção tem seu processo de crescimento sem interrupção entre os anos de 1889 a 1930. Nesse sentido, o Cotonificio Rodolfo Crespi tem sua história totalmente ligada ao processo de imigração, ao período de industrialização de São Paulo e a cultura operária na região.

O crescimento contínuo da produção industrial na Mooca se refletia na expansão do tecido urbano, com a criação de moradias operárias próximas às fábricas, e o surgimento de instituições sociais e esportivas que fortaleciam a identidade territorial dos imigrantes, consolidando a geografia humana do bairro como um espaço de resistência cultural e social.

Mesmo nos dias atuais o clube consegue manter um contexto local na cidade de São Paulo. Kawaguchi (2012) enfatiza que o modo como o clube estabeleceu desde o início uma identidade, preservada através da memória coletiva do bairro da Mooca, que teve toda sua ligação operária no século XX, para a autora o futebol é uma manifestação cultural presente na região, seja como atividade de lazer ou interação social, de tal maneira que manifesta simbolicamente aos seus torcedores por tradição ou simpatia, e também as pessoas que ali habitam e desenvolvem suas narrativas de vida. É dessa forma que o bairro através do futebol consegue se desenvolver estando presente tanto em locais públicos como privados, mas também no cotidiano dos moradores ali presentes.

A geografia social da Mooca contemporânea ainda carrega as marcas do seu passado industrial e operário, onde o futebol funciona como um elemento integrador do espaço urbano. A identidade local do bairro é reafirmada por meio de práticas culturais que dialogam com a configuração espacial, reforçando a importância da memória e do território na construção do sentido de pertencimento.

Dessa maneira o Cotonificio Rodolfo Crespi possui forte ligação com o bairro da Mooca, enquanto o Palestra Itália, mesmo estando sediado no bairro da Água Branca, não se tratava de um time local e sim um clube da cidade toda, que segundo Ramos (2001) conseguia ter torcedores em diversos bairros, principalmente naqueles que abrigavam grande quantidade

de imigrantes, principalmente italianos, mas também japoneses, espanhóis, etc, talvez por se tratar do clube que era vencedor entre os times fundados por imigrantes.

O bairro da Água Branca, situado na zona oeste, apresentava uma configuração urbana diferente da Mooca, com maior diversidade econômica e populacional, o que favorecia a abrangência do Palestra Itália para além de uma comunidade local específica. Essa dispersão espacial dos torcedores reflete as dinâmicas urbanas multiculturais da cidade de São Paulo, que moldam o futebol como um fenômeno social e territorial amplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa oferece uma perspectiva abrangente e inovadora, que considera o futebol como um fenômeno cultural inserido em processos históricos e espaciais mais amplos, contribuindo para um entendimento mais profundo das interseções entre esporte, imigração e urbanização em São Paulo.

A urbanização acelerada de São Paulo, impulsionada pela economia cafeeira e pela industrialização demonstra como esse processo voltado à eficiência econômica e ao crescimento, muitas vezes ignorou os impactos sociais e culturais sobre os trabalhadores imigrantes. Nesse cenário, a criação de clubes de futebol emerge como uma reação: um esforço da comunidade italiana para preservar sua identidade em um ambiente que demandava sua mão de obra enquanto promovia sua assimilação de forma opressiva e despersonalizante.

Nesse sentido os italianos constituíram a maior colônia de imigrantes da cidade de São Paulo, contribuindo diretamente para a sua expansão urbana, como operários ajudaram em seu crescimento e fundaram clubes de futebol que possuem forte ligação com os bairros onde situavam-se os polos industriais. Ainda que sua principal participação tenha sido enquanto operário, também desenvolveram outras atividades, como artesanais e empresariais.

Por sua vez os principais empresários industriais dessa época estão fortemente ligados ao Palestra Itália e ao Cotonifício Rodolfo Crespi. No caso do Palestra Itália o clube conseguiu a compra de sua praça desportiva e a reforma dela através de aportes financeiros desses industriais, enquanto o Cotonifício Rodolfo Crespi não só surgiu na empresa de um dos principais industriais da cidade, mas também levava seu nome, que só foi mudado quando o clube conseguiu chegar na principal divisão do futebol paulista, onde o estatuto não permitia clubes que levassem o nome de empresas/indústrias.

Os times de futebol e as comunidades imigrantes, principalmente as italianas, tiveram grande importância no fator do desenvolvimento dos bairros, seja pela cessão de terrenos, como aconteceu com o Palestra Itália, ou na criação de uma identidade própria, no caso da ligação entre o Cotonifício Rodolfo Crespi e o bairro da Mooca.

O futebol desempenhou um papel emancipador, oferecendo aos imigrantes italianos um espaço de integração e resistência cultural, fortalecendo laços comunitários e afirmando sua identidade em um ambiente urbano hostil. E por outro lado funcionou também como instrumento de controle social.

Nesse sentido, a formação de clubes de futebol e sua atuação em São Paulo podem ser analisadas como um processo de apropriação do território pela comunidade italiana, no qual o

futebol serve tanto para afirmar a identidade do grupo como para disputar um lugar na cidade, em meio a um contexto de rápida urbanização e transformação social.

Por fim cabe salientar a importância de trazer a questão cultural como um objeto de estudo da Geografia, principalmente em um país como o Brasil que possui uma grande diversidade cultural, fruto de sua formação étnica heterogênea. Nesse sentido o futebol como um elemento importante da cultura popular brasileira, onde sua prática social reflete, por exemplo, em como a sociedade se organiza apropria-se do espaço e constrói identidades. Ao investigar a presença do futebol em bairros como a Mooca e a Água Branca, a Geografia Cultural contribui para o entendimento das dinâmicas espaciais, das relações de pertencimento e das memórias coletivas que moldam o tecido urbano e o cotidiano das populações.

REFERÊNCIAS

- 100 anos da Compra do Parque Antarctica. **Palmeiras**, 2020. Disponível em: <<https://www.palmeiras.com.br/noticias/100-anos-da-compra-do-parque-antarctica/>> Acesso em 11 out. 2022.
- AGARELLI, Angelo Eduardo; GALUPPO, Fernando Razzo; ROMANO NETTO, Vicente. **Glórias de um Moleque Travesso**. BB Editora 1ª ed., São Paulo, 2012.
- ARQUIVO do Estado de São Paulo. Introdução: futebol no Brasil. [s.d.]. Disponível em: <https://www.arquivoestado.sp.gov.br/exposicao_futebol/introducao_futebol_brasil.php> Acesso em: 15 jun. 2025.
- ATIQUE, Fernando; SOUSA, Diógenes; GESSI, Hennan. Uma relação concreta: A prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 23, p. 91-109, 2015.
- CAPRARO, André. Entrevista. In: MALTA, Pedro Paulo. Bem-vinda baderna: aos poucos, a cultura italiana foi se integrando à brasileira no carnaval, no cinema, na música e até no futebol. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, Ano 6. n. 72, p. 33-35. set. 2011.
- DEAN, Warren. **A Industrialização de São Paulo**. São Paulo: Editora Difel, 1971.
- DE CAMPOS ARAÚJO, José Renato. **IMIGRAÇÃO E FUTEBOL: O CASO PALESTRA ITÁLIA**. 1996.
- DE PAULA, Amir El Hakim de. **Os operários pedem passagem!-A Geografia do operário na cidade de São Paulo (1900-1917)**. São Paulo, 2005. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- GIRARDI, Tatiana. Como os italianos contribuíram para futebol de várzea de SP. ANSA via UOL, 10 maio 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/ansa/2017/05/10/como-os-italianos-contribuiram-para-futebol-de-varzea-de-sp.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2025.
- GUIMARÃES, Micael Lazaro Zaramella. **O Palestra Itália em disputa: fascismo, antifascismo e futebol em São Paulo (1923-1945)**. São Paulo, 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- HARDMANN, Francisco F.; LEONARDI, Victor. **História da indústria e do trabalho no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 1982.
- História dos Shopping Centers no Brasil. **Semma Group**, 2012. Disponível em: <<http://www.semma.com.br/historia-dos-shopping-centers-no-brasil/>> Acesso em 25 jun. de 2023.
- KAWAGUCHI, Renata Cardias. Clube Atlético Juventus: comunicação e cultura no bairro da Mooca. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Ouro Preto - MG – 2012.
- LAURENTINO, Fernando de Pádua; ANDRADE, Margarida Maria de. **Várzeas do Tamanduateí: industrialização e desindustrialização**. São Paulo, 2002. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- LOURENCO, Marco Aurelio Duque. **Um rio e dois parques: a formação da rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália durante o período de construção de seus estádios (1917-1933)**. São Paulo, 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MONTEIRO, Norma de Góes. **Imigração e colonização em Minas (1889-1930)**. Editora Itatiaia Ltda. Belo Horizonte – Rio de Janeiro. 1994.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. Um estudo comparado dos Palestras Itália de São Paulo e de Belo Horizonte (1914-1933). **Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.1, mar/2019

PRADO, Ana Paula. *et al.* **Juventus 88 anos em 8 capítulos**. Universidade São Judas Tadeu. São Paulo, 2012.

RAMOS, Aluisio Wellichan. **Fragmentação do espaço da/na cidade de São Paulo**: espacialidades diversas do bairro da Água Branca. São Paulo, 2001. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

RAMOS, Stenio. Ruggerone, o clube que ficou no passado. **Última Divisão**, 2013. Disponível em: <<https://www.ultimadivisao.com.br/ruggerone-o-clube-que-ficou-no-passado/>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SALUM, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians**: quinta coluna ou tudo buona gente?. São Paulo, 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOUSA, Diógenes Rodrigues de. **Cidade e Cerveja**: Companhia Antarctica Paulista e Urbanização em São Paulo. Campinas, 2017. Dissertação (Mestrado em Urbanismo), Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

TANANDONE, R. Imigração italiana ajudou a moldar futebol brasileiro. **Terra**. 2024. Disponível em: Terra <<https://www.terra.com.br/esportes/imigracao-italiana-ajudou-a-moldar-futebol-brasileiro,ed216cdc428d6c7696986999140a11eeldftbwc8.html>>. Acesso em 15 de junho de 2025.